



Religiões antigas: a vida e os ensinamentos dos essênios

Ancient Religions: The Life and Teachings of the Essenes

Nilmar de Sousa Carvalho¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar a origem, onde viveram e quais os ensinamentos da comunidade religiosa dos essênios, a partir de uma análise histórica, social e religiosa de fontes antigas que foram escritas por historiadores do primeiro século da era comum; das novidades presentes nos manuscritos do Mar Morto; das interpretações contidas nos textos publicados ao longo dos séculos, sobretudo, pelos pesquisadores contemporâneos Gabriele Boccaccini e García Martínez. Para isso, serão analisados os textos de Flávio Josefo, Fílon de Alexandria e Plínio acerca de suas abordagens sobre os essênios, quais as principais hipóteses sobre a sua origem, o lugar onde foram encontrados vestígios arqueológicos, quais as principais comunidades, as suas regras de convivência, a maneira como lidavam com os bens materiais e a concepção que tinham do casamento e do celibato.

Palavras-chave: Judaísmo antigo. Manuscritos do Mar Morto. Essenismo. Religião antiga.

Abstract: This article aims to understand the origin, where they lived and the religious teachings of the Essenes, from a historical, social and religious analysis of ancient sources that were written by historians from the first century of the common era; the novelties present in the Dead Sea Scrolls; interpretations contained in texts published over the centuries, especially by contemporary researchers Gabriele Boccaccini and García Martínez. The texts of Flavius Josephus, Philo of Alexandria and Pliny will be analyzed about what they said about the Essenes, what were the main hypotheses about their origin, the place where archaeological remains were found, the main communities, their rules of coexistence, the way they dealt with material goods and their conception of marriage and celibacy

Keywords: Ancient Judaism. Dead Sea Scrolls. Essenism. Ancient religion.

Introdução

A comunidade dos essênios surgiu durante os dois ou três últimos séculos antes da era comum e desapareceu no primeiro século d.e.c. Até a descoberta dos manuscritos do Mar Morto (1947), tudo que se sabia acerca desta irmandade foi escrito pelo historiador judeu Flávio Josefo (37 d.e.c), Fílon de Alexandria (50 d.e.c) e Plínio, o

¹ Doutorando em Ciência da Religião (UFJF); Mestre em Ciência da Religião (UFJF); Licenciado em História pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP); Bacharel em Filosofia pelo Centro Teológico do Maranhão (CETEMA). E-mail: nilmarcarv@hotmail.com

velho (79 d.e.c). Estas fontes são as testemunhas mais antigas do grupo religioso, foram escritas em hebraico, grego e latim e, posteriormente, traduzidas para outros idiomas ocidentais.

Tanto as fontes judaicas como não judaicas falam dos essênios como um movimento antigo e venerável. Fílon de Alexandria se referiu aos essênios como uma sociedade composta por homens piedosos que seguiam as instruções deixadas por Moisés, personagem do Velho Testamento. Flávio Josefo descreveu os essênios como a terceira seita, que se originou nos tempos mais antigos das tradições dos pais; que jamais existiu nada similar entre quaisquer outros, nem gregos nem bárbaros e que havia um paralelo entre as crenças essênias e a filosofia grega.

Na tentativa de compreender a origem da comunidade dos essênios foram apresentadas três hipóteses. A primeira, denominada de teoria hassídica, identificou e restringiu o essenismo à comunidade de Qumran situada as margens do Mar Morto; a hipótese babilônica que defendeu que os essênios eram originários de judeus que foram exilados na Babilônia no século VI (a.e.c) e que a irmandade seria uma dissidência da comunidade de Qumran e, por fim, a hipótese de Groningen que considerava que o surgimento dos essênios foi anterior ao século II (a.e.c) e ocorreu dentro da tradição literária apocalíptica palestina.

Segundo Fílon, Josefo e Plínio, o essenismo estava dividido em dois grupos: uma comunidade espalhada pela Palestina e um único assentamento próximo ao Mar Morto. No entanto, a comunidade do Mar Morto se diferenciava das demais na maneira radical de viver algumas práticas comuns: vivia isolada; sem nada de bens e aboliu a propriedade privada. Para Plínio, a comunidade do Mar Morto parece ter sido um grupo radical e minoritário dentro de um movimento mais amplo.

Ao descrever o modo de vida dos essênios, Fílon afirmou que pertenciam a um grupo que se dedicava a uma vida pia e que observavam os ensinamentos da Torá. A pertença à fraternidade se dava por escolha e não por nascimento. Diferente de outros grupos de judeus, portanto, a admissão não se dava devido o clã/família, mas baseada na afeição mútua. Ocupavam o dia com atividades definidas, orações matinais, trabalho, almoço, trabalho e jantar. O sétimo dia era honrado com particular santidade e o trabalho era proibido. A comunidade era governada por um conselho composto por quinze membros, a admissão de novos prosélitos era permitida após três anos de



preparação e havia um código de conduta que punia as transgressões de acordo com a gravidade do delito.

A comunidade estava comprometida em renunciar ao máximo o prazer, exercitar a temperança e o autocontrole. Não era permitida a posse de bens materiais, de maneira que tudo era colocado em comum, até mesmo as roupas. E, no que diz respeito ao casamento, havia um movimento, sobretudo em Qumran, que defendia a vida celibatária.

A pesquisa, utilizando-se do método de análise bibliográfico e documental, procurará apresentar alguns dados acerca da irmandade dos essênios. Serão analisadas as principais hipóteses que procuraram provar a sua origem, assim como os textos de autores antigos que descreveram sobre a historicidade da comunidade, o lugar onde viveram e o seu modo de vida.

1. Os essênios na historiografia antiga: fontes judaicas e não judaicas do primeiro século depois da era comum

Desde as eras mais remotas da antiguidade, ressaltou Edmond Bordeaux Szekely (2004), existe um ensinamento notável que é universal em sua aplicação e eterno em sua sabedoria. Encontra-se fragmento dele em hieróglifos sumerianos e nas placas de argila e pedras datadas de oito a dez mil anos atrás. Alguns símbolos, por exemplo, os que indicam o sol, a lua, o ar e a água, além de outras forças naturais, procedem de uma era ainda mais remota. Traço do ensinamento apareceu em muitas religiões antigas. Seu princípio fundamental foi ensinado na antiga Pérsia, no Egito, na Índia, no Tibete, na China, na Palestina, na Grécia e em muitas outras regiões. Dentre tantas formas de expressar esta espécie de cláusula pétrea da doutrina universal, presente nas mais distintas formas de hierofanias, uma foi transmitida pelos essênios.

Na tentativa de descrever quem foram os essênios, alguns pesquisadores publicaram as suas conclusões a partir da análise de fontes históricas. Christian Ginsburg (1995) ressaltou que o movimento compunha uma sociedade eremita, onde os judeus cansados da vida, principalmente em Jerusalém e, impelidos de toda má sorte, partiam em direção ao Oeste, para adotarem essa nova maneira de viver. Segundo H. E. Dana (1977), este grupo representava uma ala do farisaísmo que dava maior ênfase à

observação minuciosa da lei. Viviam em comunidades isoladas e dedicavam-se a uma forma de vida ascética.

Conforme ainda revelou Rost Leonhard (LEONHARD, 1951 apud STELLA, 1960), em linhas gerais, não foi encontrado nos essênios uma religião moldada dentro dos parâmetros da sociedade judaica, mas sim, semelhante às ordens monásticas. E não há nenhuma referência da religião essênica no cânon do Novo Testamento, embora seja possível perceber alguns paralelos com a doutrina cristã. Os essênios foram descritos por Szekely (2004) como uma irmandade que viveu durante os dois ou três últimos séculos antes da era comum e desapareceu no primeiro século depois da era comum. Na Palestina e na Síria, os seus membros eram conhecidos como essênios e, no Egito, como terapeutas ou curadores.

Até a descoberta dos pergaminhos do Mar Morto (1947)², tudo que se sabia acerca dos essênios foi escrito pelo historiador judeu Flávio Josefo (37 d.e.c), pelo filósofo e exegeta Fílon de Alexandria (50 d.e.c) e pelo geógrafo romano Caius Plinius Secundus ou Plínio, o velho (79 d.e.c). Para Boccaccini (2010), estas fontes são as testemunhas mais antigas do grupo religioso, foram escritas em hebraico, grego e latim e, posteriormente, traduzidas para outros idiomas ocidentais. No entanto, depois do primeiro século da era comum, os historiadores que trataram desse tema foram imprecisos com relação à identidade do movimento. Apenas Hipólito de Roma (236 d.e.c), após ler, sobretudo, os relatos de Flávio Josefo, parece ter mantido coerência com as descrições presentes nas fontes antigas.

Tanto as fontes judaicas como não judaicas, destacou Boccaccini (2010), falam dos essênios como um movimento antigo e venerável. Fílon de Alexandria, por exemplo, ressaltou que, ao longo dos tempos, muitos reis se levantaram contra a Palestina, mas nenhum deles, nem o mais cruel, nem o sem princípio e falso, foi alguma vez capaz de impor uma carga contra a sociedade conhecida como essênio ou santo. Na obra *história dos povos judeus*, Flávio Josefo mencionou pela primeira vez os essênios

²Os Manuscritos de Qumran ou do Mar Morto foram a maior descoberta científica do milênio passado (1947) para o estudo da Bíblia, tanto pela quantidade como pela qualidade dos escritos. Com isso, tivemos acesso a informações sobre uma comunidade marginal ao judaísmo da época das origens do cristianismo. Foram escritos no século III (a.e.c) e, os mais tardios depois do ano 68 (d.e.c) (PERONI, 2011). A descoberta desses documentos e a rápida constatação de sua importância singular desencadearam uma avalanche de publicações logo nos primeiros anos. Essas publicações demonstram que desde o início ocorreu praticamente uma dogmatização de uma relação triangular entre o sítio de Qumran, os manuscritos encontrados nas cavernas e os autores clássicos Josefo, Filo e Plínio. Os manuscritos teriam pertencido à comunidade judaica dos essênios (MACHADO, 2012).

como um movimento que surgiram na época de Judas Macabeus (161-143 a.e.c). Reconheceu que dentre os fariseus e saduceus³, variantes do judaísmo, os essênios representariam a “terceira seita”. Ao mencionar a sua origem, afirmou que seriam oriundos dos tempos mais antigos das tradições dos pais. Para corroborar que se tratava de um movimento distante, apontou ainda que, jamais existiu nada similar entre quaisquer outros, nem gregos nem bárbaros.

Procurando demonstrar a antiguidade dos essênios, Josefo ainda defendeu haver um paralelo entre as crenças essênias e a filosofia grega. Ele identificou os essênios como uma raça que emprega o mesmo regime diário que foi revelado aos gregos por Pitágoras. Na esteira do que afirmou Josefo, Hipólito de Roma mencionou que as doutrinas essênias e gregas acerca da imortalidade da alma “não derivaram de nenhuma outra fonte que não a legislação judaica” (BOCCACCINI 2010, p. 50). Ao se referir a este assunto, Fílon apontou que os essênios seguiam as instruções ensinadas por Moisés:

Nosso legislador encorajou a multidão dos seus discípulos a viverem em comunidade: esses são denominados essênios, e eu creio que eles merecem esse título por causa de sua santidade. Vivem espalhados em cidades da Judéia, também em muitas vilas e grandes colônias. Vivem juntos, em irmandades, e adotam a forma de associações e o costume de comer em comum. Empregam todo esforço para o bem comum (DANA, 1977, p. 31).

2. As hipóteses acerca da origem dos essênios

Na tentativa de compreender a origem da comunidade dos essênios foram apresentadas três hipóteses. A primeira, chamada de teoria hassídica, identificou e restringiu o essenismo à comunidade de Qumran situada as margens do Mar Morto. As origens do movimento, portanto, estariam ligadas ao grupo dos hassidim do período

³O pluralismo religioso judaico não se limita apenas às tendências farisaicas ou saducéias, mas vai mais além, com a formação de grupos político-religiosos. O judaísmo da época helenística e romana caracteriza-se por muitos grupos e movimentos diferentes, mas todos monoteístas. Estes grupos ou seitas tinham como princípio lealdade para com a lei. As suas características variavam do liberalismo ao racionalismo e do misticismo ao oportunismo político. Os movimentos religiosos e correntes espirituais no judaísmo do tempo do Novo Testamento surgiram durante o segundo e primeiro séculos (a. e. c) e eram formados por grupos que se perguntavam pela compreensão e aplicação correta da lei (C.f TENNEY, Merril C. O Novo Testamento: sua origem e análise. São Paulo: Vida Nova, 1972. p. 138).

macabeu⁴. Dessa forma, o essenismo qumrânico seria um fenômeno tipicamente palestino que surgiu como resistência diante da progressiva helenização da sociedade judaica da época (MARTÍNEZ, 1996).

Os hassidins/essênios - do aramaico *hasen* e ou *hasayya*, piedosos e/ou fiéis – sofreram opressão política e religiosa quando Antíoco IV Epifânio, rei da Síria (175 - 164 a.e.c.) ascendeu ao trono, determinando que os judeus adorassem aos deuses gregos e seu sincretismo religioso (GINSBURG, 1995). No segundo livro de Macabeus 9,4, foi possível perceber o ódio, por parte dos judeus, em relação a Antíoco IV. Parafraseando Macabeus, Dana (1977) destacou que a repulsa ao rei Sírio foi motivada pela sua fala de que faria de Jerusalém um cemitério de judeus. Diante deste contexto de violência, mas também de resistência, Judas Macabeu, com o apoio dos hassidins/essênios, se tornou líder dos judeus e resistiu as ameaças contra a moral religiosa judaica. Para preservar os princípios da lei judaica, em 1º Macabeus 2,42 apareceu uma alusão que destacava: uniu-se a eles o grupo dos assideus - forma helenizada do termo hassidim - homens valorosos de Israel, cada um deles apegado à lei.

Os hassidins se caracterizavam por serem, do ponto de vista religioso, fervorosos na observância dos preceitos e por defenderam uma visão apocalíptico-messiânica. Esta cosmovisão foi a causa da ruptura com os macabeus, pois, para os macabeus interessava garantir apenas a liberdade político-religiosa, enquanto os hassidins, devido ao forte aspecto escatológico e apocalíptico presente em sua ideologia, aspiravam estabelecer uma espécie de céu na terra, ou seja, um reinado do final dos tempos. Estas informações referentes aos hassidins foram extraídas de um dos textos dos manuscritos do Mar Morto denominado de o documento de Damasco⁵ (SHANKS, 1993 apud ARAÚJO JÚNIOR, 2012).

Todavia, a hipótese hassídica, que identificou e restringiu o essenismo à comunidade de Qumran, parece que não se sustenta quando analisada segundo o que informou, primeiramente, Flávio Josefo na obra *Guerras dos judeus*. Referindo-se aos essênios, apontou que a comunidade não tinha uma cidade determinada, mas “muitos

⁴Trata-se de um período de 40 anos desde a ascensão de Antíoco IV Epifanes ao trono, em 175 (a.e.c), até à morte de Simão, em 135 (a.e.c). (Cf. NETO, Willibaldo Ruppenthal. Introdução à teologia de 1º Macabeus. Introdução à teologia de 1º Macabeus. Teologia e Espiritualidade. vol. 4. n° 07. Curitiba, Junho/2017. p. 71-90).

⁵Também chamado de preceito de Damasco. Esse título deriva das referências na exortação à Nova Aliança, feita na terra de Damasco. O nome Damasco parece não se referir literalmente à cidade síria de Damasco, nesse caso, esse termo teria um sentido simbólico (SHANKS, 1993 apud ARAÚJO JÚNIOR, 2012).

deles habitavam em cada cidade” (WHISTON, 2009 apud ARAÚJO JÚNIOR, 2012, p. 102). Na esteira do que ressaltou Flávio Josefo, Fílon de Alexandria em *Apologia pro Iudaeis* escreveu “e eles - os essênios - habitaram em muitas cidades da Judeia e, em muitas aldeias e, em grandes e populosas comunidades” (YONGE, 2008 apud ARAÚJO JÚNIOR, 2012, p. 102). Deste modo, não é possível afirmar que os essênios ficaram restritos em uma única comunidade.

A segunda tentativa para explicar o surgimento dos essênios foi chamada de hipótese babilônica. Esta teoria fez uma distinção entre essenismo – irmandades que viviam fora de Qumran - e o grupo qumrânico. Os teóricos desta linha defenderam que os essênios são originários de judeus que foram exilados na Babilônia no século VI a.e.c. Contudo, por questões ideológicas houve uma cisão entre os que viviam no exílio e os que residiam em Qumran. Os essênios, portanto, seriam os judeus dissidentes que viviam na diáspora (MARTÍNEZ, 1996).

Martínez (1996) utilizou um trecho do documento de Damasco para embasar um dos argumentos que fundamentaram a hipótese babilônica. O texto afirmou que:

Deus recordou a aliança dos primeiros e suscitou de Aarão homens de conhecimento, e de Israel homens sábios, e os fez escutar. E eles escavaram o poço: Poço que escavaram os príncipes, que trouxeram à luz os nobres do povo com a vara. O poço é a lei. E os que a escavaram são os convertidos de Israel que saíram da terra de Judá e habitaram na terra de Damasco, a todos os quais Deus chamou príncipes, pois o buscaram, e sua fama não foi rejeitada pela boca de ninguém. E a vara é o intérprete da lei, de quem disse Isaías: Ele produz um instrumento para o seu trabalho (MARTÍNEZ, 1996, p. 2-8).

O principal defensor da hipótese babilônica, Murphy-O'Connor (MURPHY-O'CONNOR, 1968 apud ARAÚJO JÚNIOR, 2012, p. 104) observou que a terra de Damasco tem um valor simbólico, uma alusão ao reino da Babilônia, enquanto que a expressão “os convertidos de Israel” deve ser interpretada como os retornados de Israel e possui um sentido geográfico e não religioso. No entanto, a teoria apresentou algumas contradições. Muitos dos judeus banidos de sua terra natal na Judeia consideravam o exílio na Babilônia um castigo divino. Como uma forma de reagir a este julgamento, aqueles que estavam exilados se reuniam para praticar a estrita observância da lei.

Com a revolta dos Macabeus, conseqüentemente, o fim do exílio, parte desse grupo, chamados de essênios, voltou para a Palestina. No entanto, a independência do

povo judeu não implicou na total deselenização de aspectos religiosos da vida judaica. Diante dos fatos, os judeus que teriam retornado do exílio com a intenção de observar estritamente a lei retiraram-se para a “solidão de Qumran, perto da extremidade norte do mar Morto”. Os essênios acreditavam que o apego a seus preceitos era o único refúgio seguro diante do iminente julgamento messiânico (MURPHY-O’CONNOR, 1968 apud ARAÚJO JÚNIOR, 2012, p. 104).

Todavia, apenas parte do movimento essênio, segundo García Martínez (1996), retirou-se para Qumran, enquanto a maioria disseminou-se pelas cidades da Judeia mantendo-se fiel aos ideais do próprio movimento. Dessa forma não é possível afirmar que o essenismo seja fruto de um cisma no interior da comunidade de Qumran, uma vez que as causas que obrigaram os essênios a viverem fora da irmandade originária não parece ter relação com questões ideológicas.

A terceira tentativa de compreender a origem dos essênios foi denominada de hipótese de Groningen, apresentada como uma síntese de algumas conclusões demonstradas pelas duas teorias anteriores. Segundo Martínez (1996), a origem do essenismo pode ser esboçada a partir das informações obtidas das fontes clássicas, isto é, dos relatos de Flávio Josefo, Fílon de Alexandria e Plínio. Dois textos de Flávio Josefo contribuem para elucidar os fatos. O primeiro, quando o historiador judeu afirmou que neste tempo (de Jônatas) havia três seitas entre os judeus, a seita dos fariseus, a seita dos saduceus e, a outra, a seita dos essênios. E, ainda, que as três seitas existiam desde os tempos mais antigos.

Plínio, referindo-se aos essênios ressaltou também que existem *per saeculorum milia*. Na mesma direção, Fílon afirmou: Nosso legislador (Moisés) treinou um inumerável corpo de pupilos, que são chamados essênios. Considerando a veracidade das informações presentes nas fontes antigas, provavelmente o surgimento dos essênios foi anterior ao século II (a.e.c) e ocorreu dentro da tradição literária denominada apocalíptica Palestina (MARTÍNEZ, 1996). Para Jonas Machado (2012), García Martínez foi o principal defensor desta teoria que recebeu esse nome por causa do congresso realizado na cidade de Groningen, Holanda, em cuja Universidade Martínez se tornou diretor do Instituto Qumran.

Apesar dos esforços para corroborar a tese da existência histórica dos essênios defendidas pelas duas hipóteses, ainda não é possível saber com detalhe as causas que deram origem e a data da sua formação. A terceira teoria, portanto, preocupada em

apresentar mais dados que possam ajudar nesta compreensão, fez uma análise que levou em conta o gênero literário presente nos textos atribuídos aos essênios. Para o pesquisador de fenomenologia da religião José Severino Croatto (1990), os textos essênios se assemelham ao estilo usado pela tradição apocalíptica e que a sua origem remonta a um contexto histórico, político, cultural e religioso do pós-exílio da Babilônia até os primeiros séculos da era cristã. Arens (2007) destacou ainda, que os grupos apocalípticos surgiram como uma forma de protesto e, às vezes, de resistência, contra um sistema religiosamente centralizado, em um momento que o judaísmo foi hostilizado.

A linguagem apocalíptica, portanto, grosso modo, faz uma leitura da história dos impérios a partir do ponto de vista das vítimas marginalizadas. Utiliza-se de alegorias como figuras de bestas, guerras, fome, calamidades, alterações cósmicas, dentre outras. O gênero, em boa medida, inspirou-se na linguagem figurada dos profetas. Desse modo, o contexto de hostilidades produzia uma visão pessimista do mundo que terá de ser destruído por Deus para inaugurar um mundo novo, livre de todo mal, paradisíaco para os seus fiéis (ARENS, 2007).

O primeiro dos elementos que indicaria que os essênios são contemporâneos da tradição apocalíptica, para Martínez (1996), seria a demonstração de que a crença no determinismo, ou destino, presente no corpo doutrinal dos essênios, segundo as fontes antigas, são oriundas da ideia dum pecado que precede a história, uma ideia essencial na tradição apocalíptica mais antiga. O segundo vetor seria a prática hermenêutica, característica marcante do essenismo em geral e da comunidade qumrânica em particular.

Fílon em *quod omnis probus liber sit* (todo homem bom é livre), referindo-se o estilo hermenêutico dos essênios, pontou:

Após um dos membros da seita ter feito a leitura de um determinado trecho sagrado, outro homem, de maior experiência avança e explica o que não é muito inteligível, pois um grande número de preceitos é fornecido em modos enigmáticos de expressão e alegoricamente, conforme a maneira antiga (YONGE, 2008 apud ARAÚJO JÚNIOR, 2012, p. 108).

Todavia, referindo-se ao conjunto dos textos de Qumran, Martínez (1996) apontou que talvez a passagem mais explícita que tratou do estabelecimento da

comunidade qumrânica enquanto organização sectária auto-exilada seja este fragmento que compunha o documento de Damasco:

E quando estes existirem como comunidade em Israel segundo estas disposições separar-se-ão do meio da residência dos homens de iniquidade para caminhar para o deserto para abrir ali o caminho d'Aquele. Como está escrito: “No deserto, preparai o caminho, endireitar na estepe uma via para nosso Deus”. Esse é o estudo da lei, que ordenou por mão de Moisés, para agir de acordo com tudo o que foi revelado de idade em idade, e que revelaram os profetas por seu santo espírito (1QS VII, 12-16).

O modo de interpretação essênica, portanto, seria um resultado e um prolongamento da tradição hermenêutica profética inerente à tradição apocalíptica. A consciência da comunhão com o mundo angélico e, a concepção do templo escatológico seriam ainda elementos adicionais comuns ao essenismo e à tradição apocalíptica. Estes elementos situariam o pensamento essênico no contexto da tradição apocalíptica do século III (a.e.c) (MARTÍNEZ, 1996). Embora haja um esforço por meio das diferentes teorias, parece não ser possível saber as razões que deram origem à comunidade dos essênios, apenas que eles viveram em um tempo e um espaço específico.

3. As comunidades da Palestina e do Mar Morto/Qumran e o modo de vida dos essênios.

Segundo as fontes antigas – Fílon, Josefo e Plínio - pode-se deduzir que o essenismo estava dividido em dois grupos. Para Boccaccini (2010), havia uma rede de comunidade na Palestina e um único assentamento próximo ao Mar Morto, que segundo as fontes arqueológicas e literárias, coexistiram no mesmo período. Ao comparar as fontes judaicas e não judaicas ambas defenderam a existência de uma base comum entre estes grupos; no entanto, nenhum autor antigo descreveu a relação entre estas comunidades. Em contraste com autores não judeus, Fílon e Josefo apresentaram o essenismo como um fenômeno mais difundido na Palestina e que a filiação ao movimento excedia “mais de quatro mil que se comportavam dessa maneira”. Vale ressaltar ainda que ambos não fizeram nenhuma menção aos essênios que viviam em Qumran; por outro lado, Plínio pareceu desconhecer as comunidades que viviam na Palestina.

Todavia, o nome comum dado aos dois grupos demonstrou que havia relação entre eles, mesmo que não seja possível determinar como e em que medida esta conexão ocorreu. Com base em dados arqueológicos, pode-se deduzir também que o ambiente hostil e, conseqüentemente, as dificuldades em manter a comunidade de Qumran garantiriam apenas a sobrevivência de uma minoria dos quatro mil essênios, certamente, a maioria vivia em outras regiões.

Segundo fontes judaicas e não judaicas, a comunidade do Mar Morto se diferenciava das demais na maneira de viver algumas práticas comuns: isolamento das demais comunidades essênicas; abolição da propriedade privada; partilha dos bens; e rejeição da vida marital que implicou no abandono dos laços familiares. Esses temas serão abordados posteriormente quando a pesquisa tratar do modo de vida dos essênios. A comunidade do Mar Morto, portanto, parece ter sido um grupo radical e minoritário, descrito por Plínio, dentro de um movimento mais amplo, narrado por Fílon e Josefo. (BOCCACCINI, 2010).

Quanto ao modo de vida dos essênios, Fílon os descreveu como pertencentes a um grupo que se dedicava a uma vida pia segundo os ensinamentos da Torá. Na obra *De vita contemplativa*, Fílon apontou que eram também chamados de terapeutas por exercerem um tipo de medicina que não curava apenas o corpo, mas a alma, das doenças quase incuráveis, tais como: prazeres e apetites, medos e tristezas, cobiça, loucuras, injustiça e todas as paixões e vícios. Os terapeutas, diferentes dos médicos comuns, obtiveram estes conhecimentos sobre a cura, porque “foram instruídos pela natureza e pelas leis sagradas a servir ao Deus vivo, que é superior ao bem, e mais simples que o uno e, mais antigo que a unidade” (YONGE, 2008 apud ARAÚJO JÚNIOR, 2012, p. 59).

Segundo Boccaccini (2010), Plínio se referiu aos essênios como *gens*, enquanto Josefo os descreveu como *genos*. Ambas as expressões remetem a ideia de um tipo de organização social na qual alguns indivíduos alegavam condescendência. Entretanto, os autores não aplicaram os mesmos vocábulos para descrever os fariseus e saduceus. Na contramão, Fílon não utilizou a mesma definição porque pretendia demonstrar que as associações dos essênios eram por escolha e, não por nascimento. Deste modo, escolher pertencer à fraternidade era uma opção especial para membros zelosos do povo judeu e a admissão não se dava devido o clã/família, mas em função do cuidado pela causa da virtude e pelo amor entre seus membros. Em suma, para ingressar na comunidade, não

bastava apenas ser judeu, mas era necessário que o prosélito tivesse afeição e zelo pelo grupo. Plínio enfatizou que alguns judeus incomodados pelo que chamou de flutuação do destino se associaram ao grupo, por escolha própria e adotaram os seus costumes.

Ao descrever algumas características do modo de vida da irmandade, Fílon afirmou que:

Os essênios são homens inteiramente dedicados ao serviço de Deus, não oferecem sacrifícios de animais, julgando que é mais oportuno tornar suas mentes verdadeiramente santas. Alguns essênios trabalham no campo e outros praticam várias profissões, contribuindo para a paz; e no seu modo de proceder são úteis para si mesmos e para seus vizinhos. Eles não acumulam prata ou ouro e não adquirem propriedades com a intenção de tirar rendimento delas, mas retém para si mesmos somente o necessário para viver. Quase sozinhos entre os seres humanos, vivem sem bens e sem propriedades; e isto por preferência e não por revés do destino. Pensam em si mesmos como muito ricos, certamente considerando a sobriedade e o contentamento como verdadeira riqueza (DANA, 1977, p. 31).

Flávio Josefo destacou ainda que:

A terceira seita, que aspira a uma disciplina mais severa, é chamada essênia. Os componentes dessa seita são judeus de nascimento e parecem ter maior afeição um pelo outro do que se vê entre as outras seitas. Esses essênios rejeitam os prazeres como um mal, mas consideram a continência e a vitória sobre as paixões como virtudes. Esses homens menosprezam as riquezas e são tão prontos a dividir que cultivam nossa admiração (DANA, 1977, p. 32).

Plínio em a *História naturalis*, referiu-se aos essênios nos seguintes termos:

A oeste do Mar Morto, os essênios puseram a necessária distância entre si mesmos e a praia insalubre. Constituem um povo único no gênero e admirável acima de todos os outros no mundo inteiro, sem mulheres e renunciando completamente o relacionamento amoroso, sem dinheiro, e tendo palmeiras por companhia (GINSBURG, 1995, p. 22).

Fílon e Josefo falam dos essênios como pessoas que viveram a sua diversidade em um ambiente comum, “sendo úteis a si mesmo e a seus vizinhos”. Ao descrever o cotidiano da comunidade, Josefo e Hipólito observaram que:

Antes do nascer do sol, eles não falam nenhuma palavra profana, mas recitam certas orações ancestrais. Após essas orações, os superiores os dispensam. Então, após trabalhar sem interrupção até a quinta hora, eles se reúnem no mesmo local e, circuncidados com uma tanga de



linho, banham em água fria. Depois dessa purificação, eles se reúnem em um edifício especial ao qual ninguém que não seja da mesma fé é admitido (BOCCACCINI, 2010, p. 51).

Os dias úteis para os essênios, como pontuou Boccaccini (2010), foram divididos em cinco momentos: orações matinais, trabalho, almoço, trabalho e jantar. O sétimo dia era honrado com particular santidade e o trabalho era proibido, mais do que para qualquer outro judeu. A comida era preparada no dia anterior para evitar acender fogo naquele dia. Alguns nem mesmo se levantavam de suas poltronas. Fílon afirmou ainda que, durante o sétimo dia, eles se dedicavam à instrução religiosa. Dirigiam-se as sinagogas, onde se sentavam em lugares fixados de acordo com a sua idade, os jovens abaixo dos anciãos.

Para tentar compreender como a comunidade dos essênios estava organizada, qual o sistema de governo e as condições exigidas para o ingresso de novos membros, será utilizado o documento *Regra da Comunidade*, extraído dos manuscritos do Mar Morto. Provavelmente é um dos documentos mais antigos da fraternidade, do ano 100 (a.e.c) contém trechos de cerimônias litúrgicas, o esboço de um modelo de sermão sobre os espíritos da verdade e da falsidade, um estatuto referente à vida em comum, a organização e disciplina, um código penal e uma dissertação poética sobre os deveres religiosos fundamentais do mestre e seus discípulos (MARTÍNEZ, 1996).

O primeiro pesquisador que teve contato com o texto *Regra da Comunidade* foi Sukenik (SUKENIK, 1942 apud MACHADO, 2012) e representou o início dos estudos acadêmicos dos manuscritos do Mar Morto. Em 1948, Sukenik havia afirmado que este documento foi um dos primeiros que estudou e que os essênios, citados pelos autores clássicos, estavam por trás da redação desse documento e teriam usado as cavernas próximas a Qumran como um *guenizá*, palavra hebraica que remete a ideia de depósito de documentos geralmente em desuso, anexo à sinagoga.

Do ponto de vista hierárquico, segundo Martínez (1996), a *Regra da Comunidade* disponha os membros em três categorias distintas: os sacerdotes, os levitas e o povo. A administração era composta por quinze homens, sendo que três eram sacerdotes. Dentre as suas atribuições, o conselho era responsável em: zelar pela interpretação correta da doutrina, pela manutenção da disciplina e pela realização adequada das normas e dos objetivos da comunidade. Embora, a autoridade fosse exercida por um grupo, o sistema de governo elegia entre os membros uma espécie de

inspetor/guardião da congregação. O guardião era o responsável por cuidar do sustento da comunidade e tratar de assuntos ligados à admissão de novos membros; presidir as refeições comuns; resolver os assuntos administrativos e cuidar para que fossem cumpridas as decisões de toda a comunidade.

Conforme estava prescrito na *Regra da Comunidade*, ressaltou Geruásio Orrú (1992), os convocados para o conselho eram homens sábios da congregação, de conduta perfeita e fisicamente capazes. Segundo Josefo e Fílon, esses homens eram membros da comunidade e, nenhum deles difere de outros essênios em seu modo de vida. W. J. Tyloch (1990) destacou ainda que, nas assembleias, as decisões eram decididas por maioria de votos.

Quanto ao ingresso de novos membros, a *Regra da Comunidade* estabelecia que um candidato à irmandade deveria, inicialmente, ser avaliado pelo guardião. Caso fosse aceito, cumpriria um período propedêutico sem tempo determinado. Se durante o transcorrer do tempo fosse considerado apto se tornaria membro do grupo, mas teria ainda que cumprir dois anos de noviciado. Só após o término dos dois anos e com a aprovação do conselho, passaria a fazer parte definitivamente da irmandade. Sobre a cerimônia de admissão, o documento descreveu que:

Quando se agregar à comunidade, quem quer que se dirija ao Conselho da Comunidade, que entre a Aliança de Deus na presença de todos os voluntários e que se comprometa, por um juramento obrigatório, a se converter à Lei de Moisés, segundo tudo o que Ele prescreveu, com todo o seu coração e com toda a sua alma, comprometendo-se a seguir tudo o que foi revelado por ela aos filhos de Zadoque, os sacerdotes que guardam a Aliança e buscam a sua vontade, assim, como a maioria dos membros da sua Aliança, aqueles que são voluntários em seguir a sua verdade e em caminhar na sua vontade. Comprometa-se pela Aliança a separar-se de todos os homens perversos que andam no caminho da iniquidade (ORRÚ, 1992, p. 37).

Referindo-se ao compromisso firmado pelos novos ingressos, Edmund Wilson (1993, p. 29), destacou que eles deveriam “renunciar ao máximo o prazer, exercitar ao máximo a temperança e o autocontrole”. Além destas atribuições, o prosélito era convidado a renunciar as riquezas. Entregaria seus bens à comunidade, recebendo em troca tudo de que viessem a necessitar. Tudo era colocado em comum, “até as roupas são propriedades comuns, usam roupas simples e calçados até se reduzirem a farrapos para então providenciar vestes e sapatos novos”. Em uma alusão a feitura das roupas:

“assemelham a grossas capas para a estação do inverno e de mantos leves para o verão”. Vale lembrar ainda que uma das crenças reguladoras da vida religiosa dos sectários de Qumran era a predestinação divina, segundo a qual, antes do nascimento, o indivíduo já tinha sido designado por Deus para pertencer aos filhos da luz ou ao grupo dos filhos das trevas.

Boccaccini (2010, p. 49) destacou ainda que um dos elementos compartilhados por fontes judaicas e não judaicas diz respeito à singularidade e à distinção do estilo de vida dos essênios, baseado na organização comum e na partilha dos bens. Plínio afirmou que viviam sem dinheiro enquanto Josefo ressaltou que as transações econômicas não eram regulamentadas nem pelo dinheiro nem pela troca, mas pela posse comum. “Eles não compram, nem vendem nada entre si mesmos, mas cada um oferece o que tem para quem quer que necessite e recebe irrestritamente de volta o que quer que requeira”.

A *Regra da Comunidade* também apresentou uma espécie de código penal que previa punições para cada infração cometida pelos membros da comunidade. O código de conduta previa dez dias de castigo para aqueles que abandonassem, sem razão, a reunião do conselho; sessenta dias por ser negligente com os bens da comunidade causando sua perda; três meses por andar nu sem estar obrigado diante de seu próximo; seis meses por mentir deliberadamente; um ano por fazer justiça por conta própria; dois anos por apartar-se do conselho da comunidade e a expulsão da irmandade, como pena máxima, àqueles que difamassem o conselho e murmurassem contra os ensinamentos prescritos pela Torá (MARTÍNEZ, 1996).

Todavia, um dos pontos mais controversos acerca do modo de vida dos essênios diz respeito ao casamento e ao celibato. Segundo Boccaccini (2010) Flávio Josefo e Plínio apontaram que havia dois grupos dentro do essenismo: os casados e os celibatários. Contudo, há um consenso entre as fontes judaicas e não judaicas quanto à especificidade do casamento entre os essênios que os distinguiam de outras comunidades de judeus. Para Plínio, eram homens e mulheres vivendo em celibato. Na mesma direção, Fílon e Josefo destacaram que eles baniram o casamento. Em contraste com Plínio, Fílon e Josefo descreveram uma rejeição menos radical do casamento e não o relacionava à ideia de virgindade e esterilidade. Sendo assim, um celibatário essênio poderia ser um homem casado sem filhos. Todavia, uma das chaves para compreender a natureza do celibato essênio foi dada por Fílon ao afirmar que as comunidades eram compostas exclusivamente por “homens maduros, já inclinados à velhice” e impelidos à

observância rigorosa das leis. Vale ressaltar ainda que o celibato era uma das regras da comunidade, não um pré-requisito. Nem Fílon, tampouco Josefo afirmaram que apenas homens não casados e virgens eram permitidos na comunidade.

Boccaccini (2010) lembrou que para compreender a prática essênica foi fundamental recorrer à natureza do casamento na antiguidade. O matrimônio era essencialmente um contrato entre homem/mulher baseado em obrigações sociais e de procriação. Os essênios interromperam este costume e subordinaram as relações sociais ao ato de viver em comunidade. Contudo, como eles não tinham o direito de subsidiar membros da própria família sem a autorização do conselho, revelaram que a conexão entre os membros e suas famílias – incluindo esposas e filhos – era um tema delicado que os líderes da comunidade esperavam controlar e regular. Ainda que não proibidos, os laços familiares eram vistos como empecilhos e, por isso, tinham que permanecer estritamente subordinados à comunidade. Fílon reconheceu que o casamento era o único ou o principal obstáculo que ameaçava dissolver os laços da vida comunal e Josefo, na mesma direção, afirmou que era um estilo de vida que levava à discórdia.

Fílon ao se referir à conduta das mulheres, destacou que:

Nenhum essênio toma esposa porque uma esposa é uma criatura egoísta, ciumenta em excesso e perita em burlar os princípios morais do marido e em seduzi-lo com suas continuadas imposturas. Pois com o falar bajulador que pratica e os outros meios com que desempenha seu papel como uma atriz no palco ela primeiro captura a vista e o ouvido e depois, quando essas vítimas foram ludibriadas, conquista com lisonjas a mente soberana. E se vêm os filhos, cheios do espírito da arrogância e da ousadia no falar, ela expressa com maior atrevimento coisas que antes insinuava veladamente e sob disfarce e, abandonando toda a vergonha, impele o marido a realizar ações hostis à vida de companheirismo. Pois ele, que está preso nas seduções amorosas da esposa ou sofrendo a pressão da natureza, faz dos filhos seu primeiro cuidado, deixa de ser o mesmo com os outros e inconscientemente se tornou um homem diferente e passou da liberdade à escravidão (ORRÚ, 1992, p. 18).

Em um texto extraído do documento de Damasco que tratou da conduta daqueles que eram casados, também foram feitas algumas observações quanto ao relacionamento marital, a saber:

E ele não se aproximará de uma mulher para conhecê-la sexualmente, a não ser que ele tenha vinte anos de idade e que ela conheça o bem e o mal; dessa maneira, ela será admitida para apelar às ordenanças da Lei contra ele e para tomar seu lugar na audiência das ordenanças. E se eles viverem em colônias segundo a terra, e se casarem, e gerarem



filhos, andarão em obediência à Lei, segundo a ordenança com referência aos votos, segundo a regra da Lei, segundo o que Ele disse: Entre um homem e sua esposa, entre um pai e seu filho (ORRÚ, 1992, p. 44).

Flávio Josefo, na esteira do que observou o documento de Damasco, descreveu ainda que:

Os essênios observam suas esposas por três anos; se chegam à conclusão de que elas têm menstruação normal, possivelmente como prova de fertilidade, então se juntam a elas. Mas se recusam a ter relação sexual com suas esposas quando estão grávidas, como demonstração de que não se casam com o propósito de obter prazer sexual, mas, sim, por amor à posteridade (ORRÚ, 1992, p. 45).

Josefo e Hipólito destacaram que havia dentro da irmandade uma disputa que envolvia a questão do casamento. Ambos falaram das razões que estariam subjacentes e que motivaram a atitude essênica na maneira de se relacionar com as mulheres. Eles revelaram que a pureza de uma mulher era vista com mais relevância do que a sua moralidade (BOCCACCINI, 2010).

Considerações Finais

O essenismo foi um movimento que se originou a partir de outros grupos que compunham o judaísmo antigo e se manteve plural depois de formado. Com uma vocação reformadora, defendia a observância radical da lei judaica. Espalhado pela Palestina e próximo ao Mar Morto, diferenciava-se das demais variantes do judaísmo pelo seu modo de viver sem nada de próprio. Além do mais, os critérios de admissão de novos prosélitos não eram feitos somente por questões étnicas, mas por escolha deliberada do aspirante que deveria, dentre outras coisas, assumir o compromisso de afeição e zelo pelos integrantes da fraternidade.

Com a descoberta dos manuscritos do Mar Morto, foram obtidas mais informações sobre os ensinamentos dos essênios. Dentre as novidades, vale destacar como eles se organizavam do ponto de vista político e administrativo. Pode-se dar ênfase ao modo democrático, por meio do voto, como decidiam as suas pautas. As novas descobertas mostraram ainda que, entre os essênios, os bens materiais eram compartilhados em nome do bem estar da comunidade. No que concernia à formação



para admissão dos neocatecúmenos, o processo era dividido em dois períodos e se estendia por alguns anos.

Contudo, a vida cotidiana era regida por princípios éticos baseados na renúncia dos prazeres; autocontrole e temperança e por um código de conduta com punição específica para cada crime. Quanto ao casamento, a doutrina essênica criou algumas restrições por entender que, as relações sociais tinham preponderância sobre os laços matrimoniais. Devido esta compreensão, em algumas comunidades, era aconselhada a vida celibatária.

Os essênios, portanto, introduziram no seu modo de vida alguns costumes que podem ser identificados, por exemplo, no cristianismo. Sendo assim, como proposta de continuidade da pesquisa, entende-se como relevante um estudo comparado entre a doutrina essênica e a cristã, com o objetivo de entender se o cristianismo sofreu influência deste movimento judaico. Vale lembrar que, o amor ao próximo; o desapego e partilha dos bens materiais; admissão por escolha e não por nascimento, dentre outras, estão na base dos ensinamentos de Jesus Cristo.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO JÚNIOR, João Alves de. **Em busca de santidade: os manuscritos do Mar Morto e o modo de vida religiosa dos essênios e dos terapeutas**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa: UFPB, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8788?locale=pt_BR. Acesso em 10 de ago. de 2022.

ARENS, Eduardo. **A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica**. São Paulo: Paulus, 2007.

BOCCACCINI, Gabriele. **Além da hipótese assênica: separação dos caminhos entre Qumran e o judaísmo enóquico**. São Paulo: Paulus, 2010.

CROATTO, Jose Severino. Apocalíptica e esperança dos oprimidos (contexto sócio-político e cultural do gênero apocalíptico). In: **RIBLA 7**. Petrópolis: Vozes, 1990.

DANA, H. E. **O Mundo do Novo Testamento: Um estudo do ambiente histórico e cultural do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: JUERP, 1977.

GINSBURG, D. Christian. **Os essênios - sua história e doutrinas**. São Paulo: Editora Pensamento, 1995.



MACHADO, Jonas. Perspectivas da hipótese Qumran-essênios: a propósito de um livro de Gabriele Boccaccini. **Estudos de Religião**, v. 26, n. 42, jan./jun. 2012 p. 238-261.

MARTÍNEZ, Florentino García. **Os homens de Qumran**: literatura, estrutura e concepções religiosas. Petrópolis: Vozes, 1996.

NETO, Willibaldo Ruppenthal. Introdução à teologia de 1º Macabeus. Introdução à teologia de 1º Macabeus. **Teologia e Espiritualidade**. vol. 4. nº 07. Curitiba, Junho/2017.

ORRÚ, F. Geruásio, **Os manuscritos de Qumran e o Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova. 1992.

PERONI, Ildo. Os Manuscritos de Qumran ou do Mar Morto. Rev. **Pistis Prax.**, Teol. Pastor, Curitiba, v. 3, n. 1. jan./jun. 2011. p. 205-219

SZEKELY, Edmond Bordeaux. **Os ensinamentos dos essênios de Enoque aos manuscritos do Mar Morto**. São Paulo: Editora pensamentos-cultrix, 2004.

STELLA, J. B. **As descobertas dos papiros do Mar Morto**. São Paulo: Livraria Independente Editora, 1960.

TYLOCH, W. J. **O Socialismo Religioso dos Essênios** (Coleção Debates 194), São Paulo: Perspectiva, 1990.

WILSON, Edmund. **Os manuscritos do Mar Morto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.